

## CELESTE CAEIRO, A MULHER QUE TORNOU O CRAVO NO SÍMBOLO DO 25 DE ABRIL DE 1974.

A mulher que transformou o cravo no símbolo do 25 de Abril de 1974, Celeste Caeiro, morreu o dia 15 de novembro de 2024 aos 91 anos no Hospital de Leiria. Este ano, nas comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, foi recriado em Lisboa, com a presença de Celeste Caeiro, o momento histórico em que distribuiu cravos pelos militares que levaram a efeito a operação para derrubar o antigo Regime, motivando o surgimento da designação “Revolução dos Cravos”.



Em abril passado, por ocasião das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril de 1974, Celeste e a sua neta esclareceram as lacunas da história: “Há muita gente que ainda pensa que foi uma florista que deu um cravo a um soldado, mas a minha avó não era florista”, disse a neta, lembrando que Celeste trabalhava num ‘self-service’ em Lisboa.

Após a cerimónia militar de comemoração foi recriado em Lisboa o momento histórico em que Celeste Caeiro distribuiu cravos pelos militares que levaram a efeito a operação para derrubar o antigo Regime, motivando o surgimento da designação “Revolução dos Cravos”.



Celeste Caeiro tinha 40 anos em 1974 e trabalhava no serviço de limpeza de um restaurante no centro de Lisboa. Esse restaurante, chamado Sir, funcionava no sistema de self-service, uma verdadeira novidade naquele tempo. Tinha sido inaugurado em 25 de abril de 1973 e, portanto, completava um ano de atividade nessa quinta-feira em que os militares resolveram sair à rua para fazer cair o regime ditatorial chamado Estado Novo. Para festejar o aniversário da casa, a dona do restaurante pensou em oferecer, nesse dia, uma lembrança a cada cliente que lá fosse: um cravo às senhoras e um porto aos cavalheiros. Mas, por causa da revolução que começara de madrugada, a porta não chegou a abrir e Celeste e as colegas tiveram uma inesperada folga. Os cravos, que se tinham comprado na véspera, deixaram de ser precisos e a patroa, quando mandou as funcionárias para casa, deu a cada uma um molho deles.

Celeste morava no Chiado, num quarto alugado que partilhava com a mãe e a filha. Com as duas ao seu cargo e a viver numa “casa humilde, sem rádio e sem televisão”, só quando chegou ao emprego, no dia 25 de Abril de 1974, é que Celeste soube que estava a haver uma revolução. Quando saiu do Sir apanhou o metro para o Rossio e foi depois andando até à rua Garrett. No caminho deparou-se com o aparato dos chaimites que se dirigiam para o quartel do Carmo. Aproximou-se de um deles e perguntou o que se passava. Um dos soldados disse-lhe que aquilo era uma revolução e que iam prender Marcello Caetano, o chefe do Governo. E aproveitou para lhe pedir um cigarrinho. Celeste, que não fumava, respondeu: «Cigarros não tenho, mas, olhe, tenho cravos!» Tirou um do braço que levava e estendeu-lho. O soldado sorriu e enfiou o cravo, que era vermelho, no cano da espingarda. Os camaradas acharam graça e Celeste deu mais um cravo e outro e outro e foi-os distribuindo até se lhe acabarem.



A moda depressa correu por Lisboa fora, o gesto de oferecer cravos repetiu-se em vários sítios e nesse dia as vendedeiras de flores fizeram bom negócio e esgotaram todos os que havia para vender. Ficaram mais vistosos os chaimites, salpicados do vermelho dos cravos que pareciam calar, alegrando-o, um instrumento de opressão agora tornado libertador.

Assim foi que o pequeno e humilde gesto de Celeste se converteu num símbolo da luta pacífica que ficará para sempre na história de Portugal.

Fonte: *Lusa. Agência de notícias de Portugal* (Adaptação)

---